O mestre

Santo Agostinho

Santo Agostinho

O Mestre

Tradução: Souza Campos, E. L. de

TEODORO EDITOR

Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

2018

O mestre

Santo Agostinho

Introdução[1]

Escrevi um livro intitulado **O mestre**. Nele se examina, se pesquisa e se encontra a verdade que não há, para ensinar a ciência ao ser humano, outro mestre que não seja Deus, segundo o que está escrito no Evangelho: *Só tendes um Mestre, o Cristo*[2].

Este livro começa assim: *O que você acha que queremos fazer quando falamos?*

Capítulo I

Linguagem e signos.

Agostinho: __ O que você acha que queremos fazer quando falamos?

Adeodato: __ Creio, pelo menos por enquanto, que queremos ensinar ou nos instruir.

Agostinho: __ Concordo, pois a coisa é clara. Ao falar, queremos instruir. Mas, como queremos aprender?

Adeodato: __ Como?! Não é perguntando?

---

[1] Das *Revisões*. Cap. XII.
[2] Mateus 23: 10.

Agostinho: __ Mas, neste momento, vejo que só queremos instruir. Quando, de fato, você interroga alguém, não é unicamente para saber dele o que você quer?

Adeodato: __ É verdade.

Agostinho: __ Você entende então que, ao falar, nós só queremos a instrução?

Adeodato: __ Não estou entendendo perfeitamente. Se falar não passa de proferir palavras, é certo que falamos ao cantar. Quando cantamos sozinhos __ como acontece frequentemente __ e não tem ninguém por perto para ouvir, queremos ensinar alguma coisa? Eu acho que não.

Agostinho: __ Eu acho que o canto pertence a uma maneira muito geral de instruir, que consiste em despertar as lembranças e esta conversa vai lhe mostrar isto de maneira suficiente. Se, no entanto, você não concorda que, pelas lembranças, instruímos, a nós mesmos e aqueles que animamos, eu não contesto. Assim, já temos dois motivos pelos quais falamos: queremos, de fato, ensinar ou despertar lembranças, de nós mesmos e dos outros. Isto também fazemos ao cantar, não concorda?

Adeodato: __ Não. É muito raro que, ao cantar, eu procure lembranças. Eu procuro é prazer.

Agostinho: __ Entendo seu pensamento. Mas, você não percebe que o prazer do canto vem em você da harmonia dos sons e que essa harmonia, sendo independente das palavras às quais ela pode se unir e mesmo pode ser separada delas, o canto é algo além das palavras? Canta-se com a flauta e a guitarra; os pássaros também cantam; acontece de ouvirmos melodias musicais sem o acompanhamento de palavras e essas melodias podem ser chamadas também de canto e não de uma linguagem. Você discorda?

Adeodato: __ De forma alguma.

Capítulo II

Linguagem e prece.

Agostinho: __ Você vê então que a linguagem só foi para ensinar ou acionar lembranças?

Adeodato: __ Uma coisa me impede de ver isso: é que falamos quando rezamos. Ora, não dá para acreditar que então nós ensinamos ou que lembramos Deus de alguma coisa.

Agostinho: __ Você não sabe então que, se nos é ordenado que rezemos após ter fechado a porta de nosso quarto[3], ou seja, o santuário de nossa alma, é unicamente por que Deus nos pede, para nos ouvir, que nossas palavras o instruam ou despertem suas lembranças? Falar é mostrar sua vontade exteriormente através de sons articulados. Ora, devemos buscar e rezar para Deus nas profundezas da alma racional, ou seja, no nosso ser mais íntimo. É isto o que Deus chama de seu templo. Você não leu do Apóstolo: *Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?*[4] E também: "O Espírito habita no homem interior"[5].

Você também não se lembra desta passagem do Profeta: *Reflitam em seus corações quando estiverem em seus leitos e calem-se. Ofereçam seus sacrifícios com sinceridade e esperem no Senhor*[6]. E onde você acha que oferecemos o sacrifício de justiça, se não é no templo da alma e no santuário do coração? Ora, o lugar do sacrifício deve ser o lugar da prece. Assim, quando rezamos, não é preciso falar; quer dizer, fazer ruídos com palavras. Isto só é preciso quando se quer, como no caso dos sacerdotes, expressar os sentimentos da alma para mostrá-los

[3] Cf. Mateus 6: 6. 6. *Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo*.
[4] 1 Coríntios 3: 16.
[5] Cf. Efésios 3: 16. *Que sejais poderosamente robustecidos pelo seu Espírito, em vista do crescimento do vosso homem interior*.
[6] Salmo 4: 5 e 6.

às outras pessoas, não a Deus e, para elevá-las até ele, revelando as emoções que são experimentadas. Você pensa diferente?

Adeodato: __ Concordo plenamente com você.

Agostinho: __ Não há, então, nenhuma dificuldade para você saber que o Mestre Soberano tenha ensinado palavras, quando instruiu seus discípulos sobre como rezar?[7] No entanto, parece que ele pretendeu apenas ensinar como se expressar na prece.

Adeodato: __ Não há para mim a menor dificuldade nisso. Ele não ensinou naquela ocasião as palavras, mas as próprias coisas e as palavras deviam ser, para ele, apenas um meio de lembrar a quem eles deviam se dirigir e o que eles deviam pedir quando rezassem, como foi dito, no santuário da alma.

Agostinho: __ Isto é verdade e eu também acho isso. Você observe também, sem se deixar abalar por nenhuma contestação, a seguinte comparação: da mesma forma como pensar nas palavras sem produzir nenhum som também é falar, assim também falar é pensar, quando a memória, buscando as palavras cuja lembrança ela guarda, mostra à mente as próprias coisas das quais as palavras são os signos.

[7] Cf. Mateus 6: 9.

Adeodato: __ Entendo e sou da mesma opinião.

Capítulo III

Palavras e signos.

Agostinho: __ Assim, concordamos que as palavras são signos.

Adeodato: __ Perfeitamente.

Agostinho: __ Mas o signo pode ser signo sem significar alguma coisa?

Adeodato: __ De forma alguma.

Agostinho: __ No verso: *Si nihil ex tenta superis placet urbe relinqui*[8], quantas palavras existem?

Adeodato: __ Oito.

Agostinho: __ Há então oito signos?

Adeodato: __ Certamente.

Agostinho: __ Você compreende, sem dúvida, este verso.

[8] *Se for do agrado dos deuses, que não reste mais nada de uma cidade tão grande*. Virgílio, *Eneida*, livro II, verso 659.

Adeodato: __ Creio entendê-lo perfeitamente.

Agostinho: __ Diga-me o que significa cada uma das palavras.

Adeodato: __ Vejo bem o que significa a palavra *si*, mas não encontro outra palavra para expressá-la.

Agostinho: __ Você sabe, pelo menos, onde está a coisa que ela significa?

Adeodato: __ Creio que é uma expressão de dúvida; mas a dúvida não está somente na alma?

Agostinho: __ Aceito, por enquanto. Prossiga.

Adeodato: __ *Nihil* (nada) não lembra o que não existe?

Agostinho: __ Talvez o que você diz seja verdadeiro. Mas, você acaba de concordar que não há signo que não signifique alguma coisa. Ora, o que não existe não pode ser alguma coisa. Isto é o que me impede de concordar completamente. A segunda palavra do verso não é então um signo, já que ele não significa alguma coisa e concordamos, erradamente, que todas as palavras são signos ou que todo signo indica alguma coisa.

Adeodato: __ Você me pressiona muito. Não seria então faltar inteiramente com o sentido, recorrer às palavras, quando não se tem nada para expressar? Você mesmo, conversando agora comigo, você não emite nenhum som inutilmente e todas as palavras que saem de seus lábios são signos através dos quais você quer me dizer alguma coisa. Se então, a palavra *nada* não quer expressar coisa alguma, evite pronunciá-la em sua fala. Mas, se você acha necessário, para enunciar um pensamento, para nos instruir ou nos advertir, quando ela atinge nossos ouvidos, você entende, certamente, o que eu quero dizer, sem poder me explicar.

Agostinho: __ Que fazemos então? Esta palavra designa uma coisa que não existe ou a impressão na mente que não a vê e que descobriu ou acreditou descobrir que ela não existe?

Adeodato: __ Talvez seja isto o que eu queria explicar?

Agostinho: __ Seja como for, vamos em frente, para não cairmos em algum absurdo maior.

Adeodato: __ Qual?

Agostinho: __ Seria ficarmos retidos por *nada* (*nihil*) e ficarmos parados aqui.

Adeodato: __ Isto seria ridículo. Eu não sei como, no entanto, mas isto já aconteceu.

Capítulo IV

Signos e conceitos.

Agostinho: __ Se Deus quiser, compreenderemos, no devido tempo, este tipo de absurdo. Por enquanto, retornemos ao verso citado e trabalhemos, com todas as nossas forças, para mostrar o que significam os outros termos.

Adeodato: __ A preposição *ex* é a terceira expressão. Podemos, creio, substituí-la por *de*.

Agostinho: __ Eu não te peço para substituir uma palavra conhecida por outra que também o seja e cujo significado seja o mesmo. Aqui, no entanto, o significado é, seguramente, o mesmo? Mas, aceitemos isto por enquanto. Se, invés de *ex tanta urbe*, o poeta tivesse usado *de tanta* e se eu te perguntasse o que significa *de*, você me responderia, sem dúvida: *ex*, já que estas duas palavras, ou seja, estes dois signos, expressam, de acordo com você, uma mesma ideia. Ora, o que eu procuro é esta ideia, que eu ignoro.

Adeodato: __ A preposição parece significar aqui que uma coisa está separada de outra onde estava e da qual fazia parte. Pouco importa que essa outra coisa não exista mais ou que ainda exista. Assim, a cidade mencionada pelo verso não existe mais e os troianos podiam ainda existir, da mesma forma como nós dizemos que há na África comerciantes vindos de Roma.

Agostinho: __ Eu bem que gostaria de concordar com o que você disse e não enumerar um grande número de exceções, que talvez se pudesse encontrar, a esta regra. Mas será fácil observar que você explicou palavras com palavras, signos com signos e signos muito conhecidos com signos igualmente conhecidos. Eu gostaria, no entanto, se fosse possível, que você me mostrasse as próprias coisas das quais essas palavras são os signos.

Capítulo V

Signos e coisas.

Adeodato: __ Fico espantado com o fato de você ignorar, ou melhor, parecer ignorar que é absolutamente impossível dar uma resposta como você deseja, De fato, nós estamos conversando e, em uma conversa, só se pode responder com palavras. Ora, você me pede coisas e coisa, sejam elas quais forem, não são, certamente, palavras. Além disso,

você mesmo me pede com palavras. Pergunte primeiro sem palavras que eu responderei da mesma forma.

Agostinho: __ Você está no seu direito, concordo. No entanto, se eu procurasse saber o que significam estas três sílabas: *muralha*, você poderia, sem usar palavras, me apontar o dedo e me mostrar a coisa que é expressa por esta palavra?

Adeodato: __ Posso sim, concordo, mas somente quando se trata de palavras que designam corpos e se esses corpos estiverem presentes.

Agostinho: __ Podemos dizer que a cor é um corpo? Ela não é mais uma qualidade corpórea?

Adeodato: __ É verdade.

Agostinho: __ Então, por que também podemos mostrá-la com o dedo? Acrescente aos corpos as qualidades corpóreas e você dirá que se pode igualmente, sem falar, designá-las quando elas estão presentes?

Adeodato: __ Eu entendo por corpo tudo o que é corpóreo, ou seja, tudo o que é sensível nos corpos.

Agostinho: __ Examine então, se você ainda não fez, algumas exceções.

Adeodato: __ Tua reflexão tem sentido. Eu não devia dizer: tudo o que é corpóreo, mas tudo o que é visível. Concordo, de fato, que o som, o odor, o sabor, o peso, o calor e o que atinge os outros sentidos, só podem ser percebidos através dos corpos e é o que os faz serem chamados de acidentes corpóreos. Mas, não se pode apontá-los com o dedo.

Agostinho: __ Você nunca viu pessoas conversarem com surdos através de gestos e estes mesmos surdos, igualmente por gestos, perguntarem, informarem ou mostrarem tudo ou quase tudo o que eles querem? Isto não é uma prova de que, sem falar, podemos mostrar, não apenas os objetos visíveis, mas também os sons, os sabores e outras coisas semelhantes? Assim, no teatro, os mímicos expõem e desenvolvem, sem falar e gesticulando, dramas inteiros.

Adeodato: __ Eu só tenho uma observação a fazer. O mímico, gesticulando, não é mais capaz do que eu de te explicar, sem falar, o que significa a preposição *ex*.

Capítulo VI

Signos e ações.

Agostinho: __ Talvez o que você diz seja verdade. Suponhamos, no entanto, que seja assim. Qualquer que seja o gesto ao qual se recorra para me mostrar o significado desta palavra, você não duvida realmente

que este gesto seja também um signo e não a própria coisa, não é? Será explicado não uma palavra com outra palavra, mas um signo com outro signo. O monossílabo *ex* e o gesto terão então o mesmo significado e foi este significado que eu pedi para ver de uma forma diferente dos signos.

Adeodato: __ Desculpe, como é possível fazer isso?

Agostinho: __ Como foi feito para *muralha*.

Adeodato: __ Mas o desenvolvimento do raciocínio provou que não se pode, sem signos, mostrar a própria muralha, pois, a indicação do dedo não é a própria muralha, é somente o signo que a mostra. Desta forma, não vejo nada que se possa mostrar sem empregar um signo.

Agostinho: __ Se eu te pergunto o que quer dizer com caminhar e você se levanta e caminha, você não estará respondendo com a própria coisa, invés de com palavras ou signos?

Adeodato: __ Admito e me envergonho por não ter visto uma coisa tão clara. Ocorreu-me até mesmo a ideia de milhares de ações que se pode mostrar com elas mesmas e não com signos. Como comer e beber, sentar-se ou manter-se de pé, gritar e uma quantidade infinita de outros atos.

Agostinho: __ Então, diga-me agora como você me responderia se você caminhasse e eu viesse a lhe perguntar o que é caminhar?

Adeodato: __ Eu caminharia um pouco mais rápido para dar este tipo de resposta à sua questão e eu faria assim com a ação que eu tivesse que te mostrar.

Agostinho: __ Você sabe que caminhar é diferente de se apressar, não é? Quando se caminha não se apressa logo o passo e, quando se apressa, nem sempre se caminha, já que dizemos que nos apressamos mesmo quando escrevemos, lemos e fazemos uma infinidade de outras coisas. Se então, depois de minha pergunta, você caminhasse mais rápido do que fazia antes, eu concluiria que caminhar é só se apressar, pois você teria me mostrado mais rapidez e é o que me levaria ao erro.

Adeodato: __ Confesso que não se pode mostrar isso sem a ajuda de algum signo e até mesmo perguntar sobre isso. De fato, se não fazemos nada diferente, o interrogador pensará que recusamos responder-lhe e que, por desprezo, continuamos a fazer o que estávamos fazendo. Mas, se ele pergunta o que podemos fazer e não pergunta no momento em que já estamos fazendo a coisa, podemos, ao fazê-lo após sua pergunta, explicar a coisa por ela mesma e não por um signo qualquer.

Se, no entanto, ele quisesse saber de mim, quando eu falo, o que é falar, embora eu lhe diga para lhe fazer entender, me será preciso falar. Eu continuarei então até que ele tenha entendido, não cessando a ação cuja natureza ele quer conhecer e não procurando, para mostrá-la, outros signos além dessa própria ação.

Capítulo VII

Três categorias de signos.

Agostinho: __ Esta explicação está cheia de profundidade. Veja então se agora estamos de acordo que podemos mostrar sem signos, seja o que não fazemos no momento da pergunta e que podemos fazer no próprio instante, como a palavra que consiste em criar signos, donde vem a palavra *significar*.

Adeodato: __ Estamos de acordo sobre isto.

Agostinho: __ Se então nos perguntam sobre alguns signos, nós podemos explicar esses signos através de signos. Mas, se for sobre coisas que não sejam signos, podemos mostrar sua natureza; seja fazendo-as após a questão, quando elas são possíveis; seja produzindo signos que as mostrem?

Adeodato: __ Sim, é assim.

Agostinho: __ Examinemos primeiro, por favor, a primeira destas três proposições: saber se podemos explicar os signos através de signos. As palavras, por acaso, são apenas signos?

Adeodato: __ Não.

Agostinho: __ Parece-me então que, ao falar, nós designamos com palavras as próprias palavras ou outros signos, como o gesto, quando discursamos e as letras, quando escrevemos, pois o que é significado com estes dois últimos termos __ o gesto e as letras __ é também o signo de alguma coisa. Ou então nós designamos também alguma outra coisa que não é um signo, como a pedra. Esta última palavra é mesmo um signo, já que ela lembra um objeto, mas o objeto lembrado por ela não é sempre um signo. No entanto, esta última espécie de signos, que mostra o que não é um signo, não é da competência da presente discussão, pois nós nos propusemos expor os signos que indicam outros signos e nós distinguimos dois tipos deles, com aqueles que marcam ou lembram signos de mesma espécie ou de espécie diferente. Não está evidente para você?

Adeodato: __ Está evidente.

Capítulo VIII

Signos de signos.

Agostinho: __ Diga-me então a que sentido pertencem os signos chamados palavras?

Adeodato: __ Audição.

Agostinho: __ E o gesto?

Agostinho: __ À visão.

Agostinho: __ E as palavras escritas? Elas são palavras ou, mais verdadeiramente, são signos de palavras? A própria palavra seria então o som significativo da voz articulada e essa voz só pode ser percebida pela audição. Quando se escreve uma palavra, isso seria para os olhos um signo que lembra à mente o som que atinge o ouvido.

Adeodato: __ Sou completamente da mesma opinião.

Agostinho: __ Você também admite, sem dúvida, que, ao pronunciar um nome, nós designamos alguma coisa.

Adeodato: __ Sem dúvida.

Agostinho: __ E o que designamos?

Adeodato: __ A própria coisa que traz este nome. Assim, Rômulo, Roma, virtude, rio e o tudo o mais.

Agostinho: __ Estes quatro vocábulos não significam algumas coisas?

Adeodato: __ Certamente que eles significam algumas delas.

Agostinho: __ Não há nenhuma diferença entre estes vocábulos e as próprias coisas que ele designam?

Adeodato: __ Há uma grande.

Agostinho: __ E qual é ela? Eu gostaria de saber de você.

Adeodato: __ Aqui está ela e ela é importante: estes vocábulos são signos e não as coisas.

Agostinho: __ Você concorda, para facilitar a discussão, que chamemos de *significáveis* os objetos que podem ser designados por signos, sem serem os próprios signos, como chamamos de *visíveis* aqueles que podemos ver?

Adeodato: __ Concordo.

Agostinho: __ Mas, estes quatro signos que você acaba de mencionar, não são indicados por outros signos?

Adeodato: __ Você acredita que eu já me esqueci do que temos que constatar, de que os caracteres escritos são signos das palavras proferidas de viva voz?

Agostinho: __ Que diferença há entre eles?

Adeodato: __ É que uns são *visíveis* e os outros são *audíveis*. Por que você não concordaria com este último termo, já que admitimos o termo *significáveis*?

Agostinho: __ Admito que concordo com ele de boa vontade. Mas estes quatro signos que são como você acaba de recordar, não poderiam ser também designados por algum signo audível?

Adeodato: __ Efetivamente, acabo de dizer isto. Respondi que *nome* significa alguma coisa e citei, como prova, aqueles quatro exemplos. Mas esses exemplos, bem como *nome*, são coisas audíveis, já que a voz os pronuncia. Reconheço isso.

Agostinho: __ Que diferença há então entre um signo audível e as palavras audíveis que ele designa e que são também signos?

Adeodato: __ Entre o que chamamos pelo nome e os quatro exemplos que citei, como trazendo um nome, existe esta diferença que observo: o nome é um signo de signos audíveis, enquanto que os quatro exemplos são também signos audíveis, mas não signos de signos. Eles designam as próprias coisas; sejam visíveis, como Rômulo, Roma, rio; sejam inteligíveis, como a virtude.

Capítulo IX

A palavra é um signo universalíssimo

Agostinho: __ Compreendo e aprovo. Mas, você sabe que se chamam palavras todos os sons articulados que são emitidos para significar alguma coisa?

Adeodato: __ Sim, eu sei.

Agostinho: __ O nome é então uma palavra, já que é um som articulado destinado a significar alguma coisa e, quando dizemos que uma pessoa eloquente emprega palavras bem escolhidas, sem dúvida que ela emprega nomes como os outros. E, quando o escravo de Terêncio pede

ao seu velho senhor: “Boas palavras, eu te peço”[9], ele queria dizer muito mais do que nomes.

Adeodato: __ Concordo.

Agostinho: __ Você concorda também que as sílabas que articulamos ao dizer *palavra* designam também um nome e que esta *palavra* é o signo do nome?

Adeodato: __ Sim.

Agostinho: __ Responda também a isto: palavra é signo de nome, nome é signo de rio, rio é signo de um objeto que nossos olhos podem ver; você assinalou qual é a diferença desse objeto que tem o nome de rio, que é seu signo e desse signo do nome que é o signo desse signo; diga-me também então o que distingue, em sua opinião, o signo do nome que sabemos ser a palavra e o próprio nome cuja palavra é o signo.

Adeodato: __ É esta, em minha opinião, a distinção: o que o nome designa é igualmente designado pela palavra, já que nome é também palavra, como rio é; mas, nem tudo o que é designado pela palavra é igualmente designado pelo nome. Assim, a primeira palavra __ *si* __ que começa o verso citado por você e a preposição *ex*, cujo longo estu-

[9] Terêncio. *Ândria*, ato I, cena 3, verso 33.

do nos conduziu racionalmente às considerações que nos ocupam, são palavras e não nomes. Podemos citar muitas palavras semelhantes. Assim então, sendo todos os nomes palavras e nem todas as palavras sendo nomes, vemos claramente no que diferem a *palavra* e o *nome*. Quer dizer, o signo de um signo que não designa outros signos e o signo de um signo que designa também outros signos.

Agostinho: __ Você concorda que todo cavalo é um animal, mas nem todo animal é um cavalo?

Adeodato: __ Quem duvida disso?

Agostinho: __ Há então, entre o nome e a palavra a mesma diferença que entre cavalo e animal. Você ainda tem dificuldade para responder por que tomamos a palavra (*verbum*) em outro sentido: para expressar o que segue o curso do tempo? Como: *escrevo*, *escrevi*; *leio*, *li*. Nesta acepção, a palavra (*verbum*) não é, evidentemente, um substantivo.

Adeodato: __ É isto precisamente o que me perturbava.

Agostinho: __ Que esta dificuldade cesse. O signo é igualmente tomado por nós em um sentido geral, para expressar tudo o que significa alguma coisa. Desta forma, nós dizemos que as próprias palavras são

signos. E, em um sentido especial, também são signos os sinais ou insígnias militares, que são chamados assim, mas não contém nenhuma palavra. Se, no entanto, eu dissesse que todo cavalo é um animal, sem que todo animal seja um cavalo, como toda palavra é um signo, mas nem todo signo é uma palavra, você não veria, creio, nenhuma dificuldade.

Adeodato: __ Compreendo __ enfim __ e reconheço absolutamente que entre a palavra, tomada em um sentido geral e o nome, há a mesma diferença que entre animal e cavalo.

Capítulo X

Signos que significam as mesmas coisas.

Agostinho: __ Você sabe também que, quando dizemos *animal*, uma coisa é a palavra de três sílabas e outra é o que ela significa?

Adeodato: __ Já concordamos com isto, ao falarmos dos signos e dos significáveis.

Agostinho: __ Todos os signos expressam outra coisa além do que eles são, como a palavra *animal*, que não significa o que ela é?

Adeodato: __ Não, seguramente, pois a palavra *signo* designa não apenas todos os outros signos, de qualquer natureza que eles sejam, mas

também ela mesma, pois ela é uma palavra e todas as palavras são signos.

Agostinho: __ Não podemos dizer o mesmo deste trissílabo *palavra*? Pois, se ele significa todos os sons articulados que expressam algum pensamento, ele próprio pertence a esta categoria.

Adeodato: __ Isto é verdade.

Agostinho: __ A palavra *nome*, não é isso também? Pois ela designa os nomes de todos os gêneros e ela própria é um gênero, já que é neutra. E, se eu te perguntasse a que parte da oração pertence, você poderia deixar de responder que é ao substantivo?

Adeodato: __ De forma alguma.

Agostinho: __ Há então signos que designam eles mesmos, bem como designam outros signos.

Adeodato: __ É isto aí.

Agostinho: __ O trissílabo *conjunção* te parece que seja um signo deste gênero?

Adeodato: __ Não, por que ele é um substantivo, ao mesmo tempo em que designa o que não é.

Capítulo XI

Signos recíprocos.

Agostinho: __ Tua resposta é exata. Veja agora se existem signos recíprocos, signos em que um significa o outro e mutuamente. O trissílabo *conjunção* não é um signo recíproco com as palavras que ele designa. *Se, ou, pois, já que, senão, então, por que* e outros termos semelhantes são designados efetivamente pela palavra conjunção, mas nenhum deles designa a palavra *conjunção*, propriamente.

Adeodato: __ Percebo e quero conhecer quais são os signos recíprocos.

Agostinho: __ Você não sabe então que, ao dizer *substantivo* e *palavra*, nós expressamos duas palavras?

Adeodato: __ Sei disso.

Agostinho: __ Você não sabe então que *substantivo* e *palavra* são dois substantivos?

Adeodato: __ Também sei disso.

Agostinho: __ Você sabe então que *substantivo* e *palavra* se designam mutuamente.

Adeodato: __ Sei.

Agostinho: __ Você pode assinalar neles outras diferenças, além das diferenças de letras e sons?

Adeodato: __ Talvez, pois vejo nelas o que eu já disse. De fato, palavra designa todos os sons articulados e significativos. Assim, todo substantivo __ e, sobretudo, o substantivo pronunciado __ é uma palavra. Mas, nem toda palavra é um substantivo, embora o seja quando dizemos *palavra*.

Capítulo XII

Significado recíproco de nome e palavra.

Agostinho: __ E se te afirmassem, se te provassem que toda palavra é um nome e todo nome é uma palavra? Você poderia assinalar nelas diferenças além das diferenças de sons e de letras?

Adeodato: __ Eu não poderia e não creio que haja esta diferença.

Agostinho: __ E, se todos os sons articulados e expressivos são, ao mesmo tempo, palavras e nomes? Palavras sob um ponto de vista e nomes sob outro. Não haveria nenhuma diferença entre a palavra e o nome?

Adeodato: __ Não compreendo isto.

Agostinho: __ Você compreende, pelo menos, que tudo o que é colorido é visível e tudo o que é visível é colorido, embora cada um destes termos tenha um significado perfeitamente distinto?

Adeodato: __ Compreendo.

Agostinho: __ Seria então de espantar que toda palavra seja igualmente um nome e todo nome uma palavra, embora estes dois nomes ou palavras __ a saber, *nome* e *palavra* __ difiram no significado?

Adeodato: __ Vejo que isto pode ser assim. Mas, espero que você me mostre de que maneira.

Agostinho: __ Você percebe, sem dúvida, que todos os sons expressivos e articulados atingem os ouvidos para serem ouvidos e acionam a memória para serem identificados.

Adeodato: __ Sim, percebo.

Agostinho: __ Duas coisas acontecem então.

Adeodato: __ Sim.

Agostinho: __ Não é uma destas coisas que dá a esses sons o nome de palavras e a outra os chama de nomes? Palavra (*verbum*) vem do verbo atingir (*verberare*) e nome (*nomen*), do verbo conhecer (*noscere*). A palavra deve este nome à impressão que ela produz nos ouvidos e o nome, ao que ele produz na mente.

Capítulo XIII

Toda palavra é um nome enquanto significado.

Adeodato: __ Concordarei com isto quando você me mostrar como podemos dizer que todas as palavras são nomes.

Agostinho: __ É fácil. Você sem dúvida aprendeu e não esqueceu que o pronome é assim chamado por que ele ocupa o lugar do nome, mas designando o objeto menos perfeitamente do que o nome. Assim, eu creio, foi como o definiu o autor que você recitou diante do gramático. “O pronome é uma parte do discurso que, colocado no lugar do nome, significa, embora menos plenamente, a mesma coisa”, ele disse.

Adeodato: __ Eu me lembro e aprovo esta definição.

Agostinho: __ Você vê então que, segundo ela, o pronome só pode ser colocado e empregado no lugar do nome. Assim, quando dizemos: este homem, este mesmo rei, a mesma mulher, este ouro, esta prata, es-

te, esse, a mesma, são pronomes e homem, rei, mulher, ouro, prata, são nomes que expressam a coisa melhor do que os pronomes.

Adeodato: __ Compartilho desta opinião.

Agostinho: __ Agora então, enuncie-me algumas conjunções.

Adeodato: __ *E*, *que*, *mais*, *pois*.

Agostinho: __ Tudo isto que você disse, não te parecem nomes?

Adeodato: __ Nem tudo.

Agostinho: __ Você concorda pelo menos que falei corretamente ao dizer *tudo isto*?

Adeodato: __ Muito justo e compreendo mesmo com que habilidade maravilhosa você mostrou que eu enunciei nomes. Sem isso, você não teria dito *tudo isto*. Se, no entanto, sua linguagem me parece correta, não é por que eu negue que estas quatro conjunções sejam palavras, pois podemos entender como palavras os verbos, as palavras, bem como os nomes. No entanto, se você me perguntar a que parte da oração pertencem estas palavras, eu responderei simplesmente: *ao nome*. Talvez então seja ao nome que se relaciona o pronome *isto* e é por este motivo que sua linguagem está correta.

Capítulo XIV

A autoridade de Paulo.

Agostinho: __ Você se engana, apesar de sua argúcia. Mas, para conhecer a verdade, aplique-se com mais intensidade ainda ao que vou dizer, se eu puder me expressar como eu puder. Pois é tão complicado discutir sobre palavras com palavras, quanto cruzar os dedos e esfregar um contra o outro. Somente aquele que realiza a ação pode distinguir os dedos que coçam daqueles que não coçam.

Adeodato: __ Estou a inteira disposição. Esta comparação chamou toda minha atenção.

Agostinho: __ As palavras consistem em som e letras.

Adeodato: __ Sem nenhuma dúvida.

Agostinho: __ Então, para recorrer à autoridade que nos é mais cara, quando o apóstolo Paulo diz: *O Filho de Deus, Jesus Cristo não foi sim e depois não, mas sempre foi sim*[10], não devemos acreditar, presumo, que as três letras da palavra sim estavam em Cristo, mas sim, o que significam estas três letras.

[10] 2 Coríntios 1: 19.

Adeodato: __ É verdade.

Agostinho: __ Você compreende então que *o sim estava nele* significa que se chama *sim* o que estava nele. Se o Apóstolo tivesse dito: “A virtude estava nele”, devemos entender também que ele quis dizer simplesmente que se chama virtude o que estava nele e não imaginar que eram as três sílabas da palavra virtude que estavam nele e não o que elas significam.

Adeodato: __ Compreendo isto e concordo.

Agostinho: __ E você compreende também que pouco importa dizer: chama-se virtude ou é chamada de virtude?

Adeodato: __ É claro.

Agostinho: __ Então, é igualmente claro que não há diferença entre dizer: *o que estava nele chama-se sim* ou *é chamado de sim*?

Adeodato: __ Aqui também não vejo nenhuma diferença.

Agostinho: __ Você vê também o que pretendo demonstrar?

Adeodato: __ Ainda não.

Agostinho: __ Você não vê que o nome é o que serve para nomear alguma coisa?

Adeodato: __ Não há nada que eu veja mais claramente.

Agostinho: __ Você vê então que o sim é um nome, já que se chama sim o que estava nele?

Adeodato: __ Não posso negar.

Agostinho: __ Mas, se eu te perguntasse a que parte da oração se relaciona o sim, você diria, presumo, que não é ao substantivo, mas ao advérbio, embora a razão nos diga também que o advérbio é um substantivo.

Adeodato: __ Isto é perfeitamente verdadeiro.

Agostinho: __ Você duvida ainda de que as outras partes da oração sejam substantivos, no mesmo sentido?

Adeodato: __ Eu não duvido, já que confesso que elas significam alguma coisa. Mas, se você me perguntasse como se chamam ou são nomeados os objetos designados por cada uma delas, eu só poderia responder enunciando essas mesmas partes da oração que não chamamos

de substantivos, mas que, como vejo bem, somos forçados a chamar assim.

Capítulo XV

Paralelo com a língua grega.

Agostinho: __ Não tema que se possa enfraquecer este raciocínio ao dizer que a autoridade do Apóstolo deva ser reconhecida por sua doutrina e não pela capacidade de expressão. O fundamento de nossa persuasão não tem a firmeza que nós lhe atribuímos, pois pode ser que, não obstante a perfeição de sua vida e de seu ensinamento, Paulo tenha falado pouco corretamente nesta frase. O sim estava nele, quando, sobretudo, ele próprio confessa ser inábil com as palavras?[11] O que se deve responder a esta objeção?

Adeodato: __ Não vejo nada a replicar e, para apoiar sua demonstração sobre uma autoridade, eu te peço que escolha, de preferência, alguém que seja considerado mestre na arte da palavra.

Agostinho: __ Você acredita então que, sem recorrer a alguma autoridade, a razão é pouco capaz de demonstrar que cada parte da oração significa alguma coisa que é designada por um substantivo e que, con-

[11] Cf. 2 Coríntios 11: 6. *Embora eu seja de pouca eloquência, não acontece o mesmo quanto à ciência*.

sequentemente, tem um nome. É fácil, no entanto, nos assegurarmos disso, comparando várias línguas.

Se você perguntar, de fato, como os gregos chamam o que chamamos de *qui* (quem), todos responderão que eles o chamam de *tis* (*τίς*). E, *volo* (quero)? Eles dizem *thelo* (*θέλω*). E, como dizem *bene* (bem)? Eles dizem *kalos* (*χαλώς*). E, se perguntarmos como chamam *scriptus* (escrito)? Eles responderão *gegrammenos* (*γεγραμμένος*). E a nossa conjunção *et* (e) ? Eles a chamam de *kai* (*χαί*). Como dizem *ab* (de)? Eles dizem *apo* (*απο*). Como os gregos dizem oh? Eles dizem *oi* (*οι*).

Ora, quem não vê, ao percorrer todas as partes do discurso, que estas questões são expressas corretamente? E como essa linguagem seria correta, se estas mesmas partes não fossem nomes? Esta maneira de proceder prova então, sem recorrer à autoridade de pessoas eloquentes, que o apóstolo Paulo falou bem. Qual é a necessidade então de procurar um autor para apoiar nossa opinião?

Capítulo XVI

A autoridade de Cícero e de mestres da lógica.

Seja por lentidão de compreensão, seja por teimosia, é possível que nem todos se convençam ainda e alguém poderia objetar que só

cederá diante da autoridade desses escritores que todos veem como legisladores da linguagem.

Pois bem! Quem das letras latinas é mais eminente do que Cícero? Mas Cícero, nos célebres discursos intitulados **In Verrem**, chama de substantivo a preposição *coram* (diante de), que, no entanto, ele emprega então como advérbio. É possível que eu compreenda muito pouco esta passagem e que outros e eu a expliquemos de forma diferente.

Mas, eis o que não se pode replicar. Os maiores mestres em lógica ensinam que toda preposição completa __ ou seja, que se pode sustentar ou negar __ é composta por um substantivo e de um verbo. Isto é o que Cícero chama, em algum lugar, de julgamento.

Quando o verbo está na terceira pessoa, acrescentam os mestres, o substantivo deve ser nominativo e eles têm razão; você pode se assegurar disto comigo. Quando dizemos: “O homem está sentado, o cavalo corre”, você não reconhece, sem dúvida dois julgamentos?

Adeodato: __ Reconheço.

Agostinho: __ E, em cada um deles você vê um substantivo: *homem*, no primeiro e *cavalo*, no segundo. Igualmente se vê um verbo em cada um deles: no primeiro, *está sentado* e *corre*, no segundo.

Adeodato: __ Eu vejo.

Agostinho: __ Se então eu me limitasse a dizer: “Ele está sentado, ele corre”, você poderia me perguntar *quem* e *o quê*. E eu responderia: o homem, o cavalo ou o que quer que fosse, acrescentando o substantivo ao verbo, para completar o julgamento, ou seja, a proposição que se pode sustentar ou negar.

Adeodato: __ Compreendo.

Agostinho: __ Atenção à conclusão! Suponha que vemos alguma coisa ao longe e que ignoramos se é um animal, um rochedo ou alguma outra coisa. Se eu te dissesse em seguida: “Já que é um homem, é um animal”, eu não estaria sendo imprudente?

Adeodato: __ Muito imprudente. Mas, não haveria nenhuma imprudência se dissesse: “Se é um homem, é um animal”.

Agostinho: __ Sua reflexão é justa. Da mesma forma como este *se* em sua frase me agrada, ele te agrada igualmente e a ambos desagrada o *já que* da minha.

Adeodato: __ Concordo.

Agostinho: __ Veja agora se os julgamentos são completos nestas duas proposições: “O *se* agrada, o *já que* desagrada?”

Adeodato: __ Perfeitamente completos.

Agostinho: __ Vamos! Mostre-me agora onde estão os verbos e onde estão os nomes?

Adeodato: __ Os verbos são *agrada* e *desagrada* e os nomes, evidentemente, *se* e *já que*.

Agostinho: __ Está então suficientemente provado que estas duas conjunções são igualmente nomes.

Adeodato: __ Muito suficientemente provado.

Agostinho: __ Você poderia sozinho aplicar a mesma regra às outras partes da oração?

Adeodato: __ Posso.

Capítulo XVII

Reciprocidade entre nome e vocábulo.

Agostinho: __ Sigamos em frente. Diga-me se, aos seus olhos, todos os nomes são palavras e todas as palavras são nomes, como todas as palavras são nomes e todos os nomes são palavras?

Adeodato: __ Realmente não vejo que haja entre eles outra diferença que não seja a diferença de som.

Agostinho: __ Por enquanto eu concordo com você, embora muitos vejam também uma diferença no significado. Agora, não temos necessidade de examinar esta opinião. Você observa, sem dúvida, que chegamos aos signos que se designam mutuamente, sem outra diferença além do som e que designam eles mesmos com todas as outras partes da oração.

Adeodato: __ Não compreendo.

Agostinho: __ Você não compreende que a palavra designa o nome e que o nome designa a palavra e que só há entre eles a diferença do som, quando o nome é tomado em um sentido geral? Pois o nome é tomado em um sentido particular quando ele é considerado como uma das oito partes da oração, com exceção das sete outras.

Adeodato: __ Compreendo.

Agostinho: __ Mas foi isto o que eu disse, ao afirmar que a palavra e o nome se designam reciprocamente.

Capítulo XVIII

Signos idênticos, a não ser pelo som.

Adeodato: __ Sei disso. Mas, o que você quis dizer com: *eles designam também a eles mesmos, com as outras partes da oração*?

Agostinho: __ Não vimos antes que todas as partes da oração podem ser chamadas de palavras ou nomes, ou seja, serem designadas pelo nome e pela palavra?

Adeodato: __ Sim.

Agostinho: __ E se eu te pergunto como você chama o próprio nome, ou seja, o som produzido por esta sílaba, você não poderia me responder: o nome?

Adeodato: __ Justamente.

Agostinho: __ É assim que se designa este outro signo que expressamos através destas três sílabas: conjunção? Pois este nome não figura dentre as palavras que ele designa.

Adeodato: __ Exatamente.

Agostinho: __ Eu tive então razão em dizer que o nome designa a ele mesmo, com todos os outros nomes que ele compreende e você pode, sem mim, dizer o mesmo de toda palavra.

Adeodato: __ Daqui para frente é uma coisa fácil. Mas, me vem à mente que o nome é tomado em geral e em particular, enquanto que a palavra não é tomada por uma das oito partes da oração. Esta é uma diferença nova entre eles e além da diferença do som.

Agostinho: __ Você acredita que nome e voz tenham entre eles outra diferença, além do som próprio a cada língua; à nossa e à língua grega?

Adeodato: __ Neste momento, eu não vejo nenhuma outra.

Agostinho: __ Chegamos aqui a signos que designam a eles mesmos e que têm entre eles um significado diferente e que têm também entre eles o mesmo significado e que, enfim, só diferem pelo som, pois acabamos de descobrir este quarto signo: trata-se, nos três outros, do nome e da palavra.

Adeodato: __ Chegamos bem aí.

Capítulo XIX

Adeodato reassume sua linguagem e signos.

Agostinho: __ Você gostaria de resumir o que já descobrimos nesta conversa?

Adeodato: __ Farei, na medida do possível. Eu me recordo que primeiramente nós procuramos saber o porquê da linguagem e concordamos que ela é destinada para instruir ou para provocar lembranças. De fato, quando interrogamos alguém, nosso único objetivo é lhe mostrar o que desejamos saber. Quanto ao canto, ele parece provocado pelo prazer e não é uma linguagem, propriamente dita. Como não podemos ter a ideia de ensinar ou recordar Deus de seja o que for, quando rezamos nossas palavras só têm o objetivo de estimular a nós mesmos e estimular ou ensinar alguém.

Em seguida, após termos constatado que as palavras não passam de signos e que não pode haver um signo no que nada designa, você me propôs trabalhar para mostrar o que significa cada uma das palavras do verso seguinte: *Si nihil ex tanta superis placet urbe relinqui*.

Embora a segunda palavra (*nihil*) deste verso seja muito usada e muito clara, nós não descobrimos qual é seu significado. Pareceu-me que nós não empregamos inutilmente esta expressão na oração, que ela

deve dizer alguma coisa a quem a ouve e que ela talvez indique a impressão de uma alma que descobre ou acredita ter descoberto que o que ela procura não existe. Você me respondeu naquele momento, mas de brincadeira e, como que para evitar não sei que questão profunda, você remeteu seu esclarecimento para outro momento. Não creia que esqueci este compromisso assumido.

Eu tentei em seguida explicar a terceira palavra do verso. Você me pressionou então para não substituir este termo por outro de igual valor, mas que eu mostrasse a própria coisa designada por estas palavras. Eu respondi que isso era impossível pela oração e chegamos a falar de respostas dadas pelo apontar dos dedos. Eu pensava então que tudo o que é corpóreo pode ser apontado pelo dedo, mas descobrimos que isso só é verdadeiro para objetos visíveis. Daí, não sei como, falamos de surdos e de mímicos que se expressam sem falar e que, somente com o gesto, quase todas as coisas podem ser faladas, desde que sejam objetos visíveis. Reconhecemos, portanto, que seus gestos são signos.

Recomeçamos então a examinar como poderíamos mostrar, sem empregar signos, as próprias coisas que os signos designam. Ficou manifesto que se podia mostrar, por algum signo, esta muralha, a cor e todas as coisas visíveis que podem ser indicadas pelo dedo. Eu disse então, erradamente, que é impossível encontrar algo de semelhante, mas

acabamos por entrar em acordo que se pode designar, sem signo, o que nós não fazemos quando somos interrogados; contanto que possamos fazê-lo após a questão e excetuando, no entanto, a natureza da linguagem, pois, se nos perguntarem, no momento em que falamos, o que é a linguagem, é claro que podemos defini-la através da própria linguagem.

Capítulo XX

Os signos recíprocos.

Com isso nós compreendemos que são mostrados por signos: o que é o signo, o que não é e o que é mostrado mesmo sem signo, o que pode ser feito após uma pergunta. Destas três proposições, estudamos e discutimos a primeira, com um cuidado particular. Reconhecemos então que há signos que não podem ser incluídos dentre os signos que designam eles mesmos. Este é o caso do trissílabo *conjunção*. Mas há outros signos que o podem. Assim, ao dizer *signo*, nós designamos também a palavra e, ao dizer *palavra*, nós incluímos, ao mesmo tempo, o signo, pois o signo e a palavra são, ao mesmo tempo, dois signos e duas palavras.

Vimos também que, nesta espécie de signos recíprocos, há aqueles em que o significado é menos ou igualmente extenso e outros que têm o mesmo significado. Assim, o dissílabo *signo* compreende absolutamen-

te tudo o que pode ser designado, seja o que for, mas a palavra não se estende a todos os signos; ela se restringe àqueles proferidos pela voz articulada.

Também está claro que, mesmo que o signo designe a palavra e a palavra designe o signo, ou seja, mesmo que as duas sílabas de uma destas palavras dirijam o pensamento rumo às três sílabas da outra, o *signo* se estende para muito além da *palavra* e, portanto, estas duas sílabas nomeiam muito mais objetos do as outras três.

Mas a palavra, tomada em sentido geral, tem o mesmo sentido que nome, considerado também em sentido geral, pois a razão nos mostra que todas as partes da oração podem ser nomes, já que, aos nomes de juntam, naturalmente, os pronomes e já que todas essas partes podem servir de nomes para alguma coisa e não há nenhuma que não possa formar com o verbo uma proposição completa.

No entanto, do fato de que o nome e a palavra possuem um significado igualmente extenso, quando todas as palavras são consideradas como nomes, não se segue que este significado seja idêntico. Parece, de fato, que causas diversas fizeram nome e palavra receberem nomes diferentes.

A palavra (*verbum*), já dissemos, afeta (*verberatio*) a audição e o nome deve despertar lembranças à mente. Podemos provar isto com as seguintes frases. É perfeitamente correto dizer: “Qual é o nome desta coisa?”, que queremos guardar na memória. Mas não se diz: “Qual é a palavra deste objeto?”

Dentre os signos cujos significados não apenas tem igual extensão, mas são absolutamente os mesmos, observamos nome e *onoma* (*ονομα*).

Eu me esqueci, ao falar dos signos que se designam reciprocamente, que não descobrimos nenhum que não designe a si mesmo ao designar outros. Isto foi tudo o que eu pude me lembrar.

Estou convencido de que você não disse nada nesta conversa sem saber com exatidão. Veja então se fiz um bom resumo dela.

Capítulo XXI

A utilidade destas preliminares.

Agostinho: __ Sua memória reproduziu muito fielmente tudo o que eu perguntei e, para dizer a verdade, vejo agora muito mais claramente estas distinções do que no momento em que, empenhados no debate, tiramos juntos não sei que conclusões obscuras.

Mas, para onde devem nos conduzir tantos desvios trabalhosos? É difícil dizer aqui. Talvez você ache que brincamos e que desviamos a mente das coisas sérias para voltá-la para questões infantis. Ou então que visamos apenas ligeiros e medíocres ganhos. Talvez ainda, se você suspeita que devemos chegar a algum resultado considerável, você queira vê-lo ou ao menos aprendê-lo o quanto antes.

Pode acreditar, talvez brinquemos. Mas não devemos apreciar o que fazemos à maneira das crianças, pois não trouxe para esta conversa divertimentos fúteis e os ganhos que espero não são ligeiros e nem medíocres.

Se, no entanto, eu dissesse que é a vida bem-aventurada e ao mesmo tempo eterna que eu desejo e que é sob a condução de Deus, ou seja, da própria Verdade, que chegamos a ela, dando estes pequenos passos, proporcionais à nossa fraqueza, talvez eu te parecesse ridículo e você perguntaria por que eu não entro nessa via real pelo estudo das coisas, invés dos signos que as representam.

Você me perdoará então por fazer preliminares com você, não para brincar, mas para exercitar as forças e a capacidade de penetração da mente. Precisamos disso para sustentar, para amar a luz e o calor dessas regiões celestes onde reside a vida bem-aventurada.

Adeodato: __ Continue logo, como começou. Deus me livre de julgar desprezível o que você avaliou dever me dizer ou fazer!

Capítulo XXII

A relevância dos significados.

Agostinho: __ Pois bem! Consideremos agora os signos que designam não outros signos, mas as coisas que chamamos significáveis. Diga-me primeiro se um homem é um homem.

Adeodato: __ De repente, eu me pergunto se você não está brincando.

Agostinho: __ Por quê?

Adeodato: __ Por que você acha que deve me perguntar se um homem é diferente de um homem.

Agostinho: __ Então você acharia que estou brincando com você, se te perguntasse também: "A primeira sílaba desta palavra é *ho* e a segunda é *mem*?"

Adeodato: __ Sem dúvida nenhuma.

Agostinho: __ Mas, unindo estas duas sílabas, temos *homem*, não é?

Adeodato: __ Claro que sim.

Agostinho: __ Escute então: você é estas duas sílabas reunidas?

Adeodato: __ Claro que não. Mas vejo aonde você quer chegar.

Agostinho: __ Diga então. Mas não ache que quero insultá-lo.

Adeodato: __ Você quer concluir que eu não sou um homem.

Agostinho: __ E, após ter reconhecido a verdade de tudo o que prepara esta conclusão, você não tem a mesma ideia?

Adeodato: __ Não exporei primeiro minha ideia. É preciso que antes eu saiba em que sentido você me perguntou se um homem é um homem. Você falava das duas sílabas da palavra ou do que elas significam?

Agostinho: __ Responda antes em que sentido você entendeu minha pergunta. Se ela é duvidosa, você deve antes observar isto e não me responder antes de estar certo do sentido que eu lhe dei.

Adeodato: __ O que me importa este equívoco? Eu respondo nas duas acepções. Um homem é realmente um homem, pois estas duas sílabas são apenas duas sílabas e o que elas significam é o que elas são.

Agostinho: __ Muito bem pensado! Mas, por que você só tomou nos dois sentidos a palavra homem? Por que você não entendeu da mesma maneira tudo o que dissemos antes?

Adeodato: __ Como você prova que eu não entendi nos dois sentidos todo o resto que falamos?

Agostinho: __ Para não falar de outra coisa, se você só tivesse visto sílabas em toda a primeira questão, você não teria me respondido nada e poderia parecer que eu não tinha te perguntado nada. Mas, depois de ter me ouvido pronunciar as três palavras e repetir a palavra homem, dizendo: “Se um homem é um homem”, você viu nas duas outras, não os signos, mas o significado. O que prova isto é que imediatamente você entendeu que devia responder minha pergunta com certeza e confiança.

Adeodato: __ Isto é verdade.

Agostinho: __ Como foi então que você achou que devia considerar em uma dessas palavras, ao mesmo tempo, o som e o sentido?

Adeodato: __ Daqui por diante eu só vejo o sentido da frase inteira e concordo com você que é impossível discorrer se, ao escutar as palavras, a mente não se dirige ao que elas significam. Mostre-me então

agora como eu me deixei prender pelo raciocínio cuja conclusão é que eu não sou um homem?

Agostinho: __ Eu retornarei a você a questão e você mesmo verá como se enganou.

Adeodato: __ Está bem.

Capítulo XXIII

Os significados dos signos.

Agostinho: __ Não reapresentarei minha primeira questão, já que você a resolveu. Verifique então, com mais atenção, se a primeira sílaba *ho* não é algo além de *ho* e se a segunda *mem* é realmente *mem*.

Adeodato: __ Eu te asseguro que não vejo nada além disso.

Agostinho: __ Veja também se, ao uni-las, não temos *homem*.

Adeodato: __ Jamais deixarei de admitir isso, pois, concordamos __ e com razão __ que, diante de um signo, devemos nos prender ao que ele significa para, em seguida, concordarmos ou negarmos. E estas duas sílabas, separadamente, não significam absolutamente nada; elas não passam, como dissemos, do som produzido por elas.

Agostinho: __ Você acha então __ de boa vontade __ e está intimamente convencido de que só deve responder ao sentido indicado pelas palavras das questões.

Adeodato: __ Não compreendo como não se acreditaria nisto; a não ser que não sejam realmente palavras.

Agostinho: __ Eu fico curioso para saber como você responderia a alguém que lhe dissesse que viu um leão sair da boca de seu interlocutor. De fato, haviam perguntado a essa pessoa se o que falamos procede mesmo de nossas bocas. Não podendo negar isso, ele levou a pessoa pronunciar a palavra leão e, feito isso, ele começou a brincar com o sujeito, dizendo: "Você admitiu que tudo o que dizemos sai de nossas bocas. Você não pode negar que acabou de dizer leão. Então, meu bom homem, veja, você acaba de vomitar esse grande animal".

Adeodato: __ Não era difícil se defender dessa brincadeira. Eu não concordaria que tudo o que dizemos sai de nossas bocas. De fato, falar é expressar o signo do que nós dizemos e o que sai de nossas bocas não é a mesma coisa; é o signo que é expresso. A exceção a isto é a classe de signos que designam outros signos e que já tratamos aqui.

Capítulo XXIV

Ao que se referem os signos.

Agostinho: __ Vejo que você estaria bem equipado contra esse adversário. No entanto, se eu te pergunto se homem é uma palavra, o que você me responderia?

Adeodato: __ Que é uma palavra!

Agostinho: __ Como!? Quando eu o vejo, é uma palavra que eu vejo?

Adeodato: __ Claro que não!

Agostinho: __ Você quer que eu diga qual é a conclusão disto?

Adeodato: __ Não, não a diga. Eu declaro que não sou um homem. Quando você me perguntou se homem é uma palavra, como eu pude responder que era um? Já tínhamos concordado antes que para dizer sim ou não é preciso prestar atenção ao sentido das palavras.

Agostinho: __ Parece-me, no entanto, que não foi inútil você ter caído nessa falsa conclusão, pois é a lei da razão gravada em nossas almas que triunfou sobre sua vigilância.

De fato, eu te perguntei o que é homem e você poderia ter me respondido corretamente que é um animal. Mas, se eu acrescentasse: de que parte da oração é homem? Você só poderia responder corretamente se dissesse que é um substantivo.

Desta forma, sendo homem ao mesmo tempo um substantivo e um animal, é enquanto signo que ele é um substantivo e, enquanto coisa expressa pelo signo, que é um animal.

Então, quando me perguntam se homem é um substantivo, devo responder simplesmente que sim, pois me fizeram entender, de maneira suficiente, que ele está sendo considerado como signo. E, quando me perguntam se ele é um animal, devo afirmar isto com muito mais empenho ainda, por que, se não forem ditas a palavra substantivo e nem a palavra animal e apenas fosse perguntado o que é homem, conforme a regra natural, a mente se fixaria ao sentido próprio das duas sílabas e responderia que homem é um animal. Ela até mesmo poderia dar a definição completa e dizer que homem é um animal racional e mortal. Não concorda?

Adeodato: __ Creio nisto perfeitamente. Mas, após ter concordado que homem é um substantivo, como escapar da ultrajante conclusão de que não somos homens?

Agostinho: __ Como!? Não é mostrando que ela não foi tirada no sentido atribuído por nós à questão, quando respondemos a ela afirmativamente? E se o questionador assegura que ele deu à sua conclusão o mesmo sentido, não nos preocupemos. Qual é o problema em confessar que não sou homem, quer dizer, estas duas sílabas?

Adeodato: __ Nada é mais verdadeiro. Mas, se nada é mais verdadeiro, como resulta do que admitimos, por que me ofender quando me dizem: "você não é homem"?

Agostinho: __ Por que, ao ouvir estas duas sílabas, eu não posso evitar fixar a esta conclusão o sentido que elas expressam. Eu obedeço então à regra poderosa e natural que ordena se reportar ao sentido expresso, quando se ouve o signo que o expressa.

Adeodato: __ Adorei o que você disse.

Capítulo XXV

O significado vale mais do que o signo.

Agostinho: __ Compreenda então agora que as coisas designadas pelos signos valem mais do que os signos, pois os meios são sempre e necessariamente menos importantes do que os fins. Você pensa de modo diferente?

Adeodato: __ Creio discordar ligeiramente aqui. De fato, a palavra *lama* me parece bem superior ao que ela significa e o que nos repugna ao ouvi-la ser pronunciada não é o som produzido por este vocábulo. Mude uma letra dela e, invés de *coenum* (lama), escreva *coelum* (céu) e a lama se torna o céu. Portanto, que distância entre um e outro! Então, não é ao signo que eu atribuiria minha repugnância e tenho razão em preferir o signo invés da coisa. É muito mais agradável ouvir um do que tocar o outro.

Agostinho: __ Sábia observação! Então é falso que todas as coisas são mais valiosas do que os signos?

Adeodato: __ Eu creio que sim.

Agostinho: __ Diga-me então o que guiou aqueles que deram a essa lama suja e repugnante o nome que ela traz. Eu gostaria de saber se você os aprova ou se os desaprova.

Adeodato: __ Eu não ouso fazer nem um e nem outro. Eu ignoro o que os guiou.

Agostinho: __ Você sabe ao menos o que deseja, quando pronuncia esta palavra?

Adeodato: __ Perfeitamente. Quero apresentar um signo que mostre ou indique a lama a quem eu julgo necessário saber de sua natureza ou de sua presença.

Agostinho: __ Mas, não devemos preferir a informação, invés do termo que a transmite ou recebe?

Adeodato: __ Concordo que a informação transmitida por esse signo é preferível ao signo. Mas, não digo o mesmo da própria lama.

Capítulo XXVI

O signo, o meio e o fim.

Agostinho: __ É falso então, como já dissemos, que todas as realidades são mais valiosas do que seus signos, mas não é falso que todos os meios estão abaixo do fim, pois o conhecimento que se obtém por meio do termo é preferível ao próprio termo, que consideramos mais valioso do que a lama designada por ele. E, se este conhecimento é superior ao signo que examinamos, é unicamente por que ele é o fim, enquanto que o signo é o meio de chegar a ele. É isto que explica a seguinte resposta dada a um glutão.

Esse adorador da própria barriga, como fala o Apóstolo[12], disse que vivia para comer. Um homem frugal que o ouviu não pôde tolerar este linguajar e disse: “Não seria melhor comer para viver?” Se o primeiro foi censurado por que, ao declarar que vivia para comer, colocou sua própria vida abaixo do prazer da boca e se o segundo é digno de elogios, isto se deve unicamente por que, distinguindo o fim dos meios e colocando os meios abaixo do fim, ele lembrou que devemos comer para viver, mais do que viver para comer.

É assim que, verdadeiramente, você mesmo ou outro sábio apreciador, responderia a um falastrão, a um grande falador. Se ele dissesse: “Eu ensino para falar”, você não replicaria, dizendo: “Meu amigo, não seria melhor falar para ensinar?”

Se isto tudo é verdadeiro, como você está certo disso, dá para ver, sem dúvida, o quanto as palavras estão abaixo do objetivo a que nos propomos ao empregá-las. O emprego das palavras triunfa sobre as próprias palavras, pois as palavras são destinadas a serem empregadas por nós e nós as empregamos para transmitir uma informação. Assim como a informação é mais valiosa do a linguagem, também a linguagem é

[12] Cf. Romanos 16: 18. *Esses tais não servem a Cristo nosso Senhor, mas ao próprio ventre*.

mais valiosa do que as palavras; o que ergue a instrução bem acima das palavras.

Gostaria de saber se você tem alguma objeção a fazer.

Capítulo XXVII

O significado e o signo.

Adeodato: __ Concordo que a doutrina é superior às palavras. Mas ignoro se não há nada que se possa objetar à regra que subordina os meios ao fim.

Agostinho: __ Em uma ocasião melhor examinaremos esta questão com mais cuidado. Neste momento, o que você concorda comigo basta para o objetivo que busco. Você admite que devemos preferir o conhecimento das coisas aos seus signos. Não resulta disto, em sua opinião, que devemos também preferir o conhecimento das coisas ao conhecimento dos signos?

Adeodato: __ Eu concordei que o conhecimento das coisas triunfa sobre o conhecimento dos signos ou simplesmente que o conhecimento das coisas é preferível aos signos? Eu temo, portanto, aceitar aqui o que você disse.

Não poderíamos observar que o termo lama é mais nobre do que a própria lama? Assim, o significado deste termo é mais importante do que o significado de lama, embora o próprio termo seja menos valioso do que seu significado.

Há aqui quatro coisas: a lama, o termo, o significado do termo e o significado de lama. Por que o significado do termo não prevaleceria sobre o significado de lama, como o termo prevalece sobre a lama? Para impedir o primeiro destes significados de primar sobre o outro, não seria preciso subordiná-lo?

Capítulo XXVIII

A importância do conhecimento da coisa.

Agostinho: __ Eu admiro de todo coração como você explica seu pensamento sem voltar atrás no que concordou. Você também acredita, sem dúvida, que a palavra de duas sílabas *vício*, vale mais do que ela significa, embora o sentido da palavra seja menos útil do que o conhecimento sobre os vícios. Você também pode identificar aqui e considerar estas quatro coisas: a palavra, o vício, o significado da palavra e o significado do vício. Seguramente podemos preferir a palavra ao vício,

neste verso de Pérsio: “Ele se espanta com o vício”[13]. A palavra vício é mais um ornamento do que um defeito, embora o vício, propriamente, seja censurável em qualquer pessoa viciada. Mas o conhecimento sobre os vícios não é assim; ele é muito superior ao conhecimento sobre a palavra.

Adeodato: __ Você o acha mais importante, mesmo se provoca tanta infelicidade? Não é verdade que, acima de todas as penas imaginadas pela crueldade e infligidas pela paixão dos tiranos, o mesmo poeta coloca o suplício dos miseráveis que são forçados a reconhecer os vícios que não podem evitar?

Agostinho: __ Você pode, sob este ponto de vista, negar também que se deva preferir o conhecimento da virtude ao conhecimento de seu vocábulo, já que conhecer a virtude sem possuí-la é um suplício que este satírico chama de a cabeça dos tiranos[14].

Adeodato: __ Deus me livre dessa tolice! Eu compreendo, de fato, que não se pode acusar os conhecimentos que a melhor educação enriquece a mente. No entanto, deve-se considerar __ como Pérsio, eu crei-

[13] Pérsio, *Sátira III*, verso 32.
[14] Pérsio, *Sátira III*, versos 35-38.

o, fez __ que os mais infelizes dos mortais são aqueles que o poderoso remédio do conhecimento não poderia curar.

Agostinho: __ Pois bem! Mas, seja qual for a opinião de Pérsio, o que nos importa? Não é à autoridade desses profanos que estamos sujeitos nessas matérias. Além disso, se é preciso preferir um conhecimento ao outro, isto não é fácil de explicar aqui. Eu me contento com o que está convencionado, a saber, que se o conhecimento das coisas não prima sobre o conhecimento dos signos, ele prima seguramente sobre os próprios signos.

Examinemos então com um cuidado redobrado quais são as coisas que dissemos que se mostram por elas mesmas e sem o emprego de nenhum signo, como falar, caminhar, se sentar, ficar deitado e outros do gênero.

Adeodato: __ Eu me recordo do que você diz.

Capítulo XXIX

Não se transmite uma informação sem signos.

Agostinho: __ Você acha que podemos mostrar sem signos absolutamente tudo o que podemos fazer assim que somos interrogados? Você vê alguma exceção a isto?

Adeodato: __ Após ter considerado várias vezes todos os tipos de coisas, eu não encontrei nada que possa ser possível mostrar sem signos. Eu talvez fizesse uma exceção somente para a língua e quando nos pedem para explicar o que se entende por instruir.

De fato, seja o que for que eu faça __ após ter sido interrogado __ para ensinar aquele que me questionou, eu vejo claramente que a luz não lhe chegará da própria coisa que ele me pede para explicar.

Suponhamos, como foi dito, que eu esteja parado ou que eu esteja ocupado com outra coisa. Perguntam-me o que é caminhar e, caminhando, imediatamente eu tento mostrar, sem um signo, o que me foi perguntado. Como deixar de acreditar que caminhar é simplesmente caminhar, enquanto eu caminho? No entanto, o interrogador se enganará, se ele acreditar e ver uma pessoa caminhando um pouco mais ou um pouco menos do que eu fiz; ele ficará convencido que ela não caminhou.

O que eu disse sobre o caminhar se estende a tudo o que eu concordei que se pode mostrar sem um signo, com a exceção dos dois casos que eu mencionei.

Capítulo XXX

Não se ensina sem signos.

Agostinho: __ Eu concordo com o que você disse. Mas, não te parece que uma coisa é falar e outra coisa é instruir?

Adeodato: __ Parece-me seguramente que é outra coisa, caso contrário, só se ensinaria falando. Ora, já que se ensina frequentemente com outros signos além das palavras, quem duvidará que haja aqui uma diferença?

Agostinho: __ Mas, entre ensinar e denominar, há ou não também uma diferença?

Adeodato: __ Creio que não há.

Agostinho: __ Dizer que denominamos para ensinar, não é falar corretamente?

Adeodato: __ É falar muito corretamente.

Agostinho: __ E se alguém pretendesse que ensinamos para denominar, não seria fácil refutá-lo com esta reflexão que você acaba de aprovar?

Adeodato: __ Sim.

Agostinho: __ Se então denominamos para ensinar e se ensinamos para denominar, instruir é diferente de denominar.

Adeodato: __ O que você diz é verdade e eu errei ao responder que um é o mesmo que o outro.

Agostinho: __ Responda agora a isto: podemos ensinar sem signos o que é ensinar?

Adeodato: __ Não vejo de que outra maneira se poderia fazer isto.

Agostinho: __ O que você disse, portanto, agora há pouco é falso, a saber, que se pode sem signos ensinar o que é ensinar, quando somos questionados sobre isto. Está claro, efetivamente, que não se pode fazê-lo sem recorrer aos signos, já que, em sua opinião, denominar é diferente de ensinar. E, se há uma diferença entre estes dois termos, como é manifesto, por signo, um só se esclarece com o outro e não se faz conhecer por si mesmo, como você acreditava. É por isso que, com exceção da língua, que explica ela mesma e o resto, não descobrimos nada ainda que se possa mostrar sem signos. E a própria língua, sendo um signo, não há, creio, absolutamente nada que se possa ensinar sem signos.

Adeodato: __ Não tenho nenhum motivo para contradizê-lo.

Capítulo XXXI

Dúvida e incerteza.

Agostinho: __ Está provado então que não se ensina nada sem signos e que o conhecimento nos deve ser mais caro do que os signos que o comunicam. É possível, no entanto, que nem todos os objetos sejam preferíveis ao que é o signo.

Adeodato: __ Concordo.

Agostinho: __ Mas, quantas voltas demos para chegar a um resultado mínimo! Você não se lembra? Há tanto tempo combatemos com golpes de palavras e trabalhamos para resolver três questões: 1ª) se há algo que se possa ensinar sem signos; 2ª) se há signos que são preferíveis aos objetos que eles representam e 3ª) se o conhecimento das coisas é mais importantes do que os signos.

Mas, há uma quarta questão cuja solução eu gostaria de saber de você em poucas palavras. Você acha que compreende estas verdades a ponto de não poder mais duvidar delas?

Adeodato: __ Eu gostaria que, através de tantos caminhos e voltas, tivéssemos chegado à certeza. Mas, eu não sei o que me preocupa em sua questão e me impede de responder afirmativamente a ela. É que vo-

cê não teria me proposto esta questão se não tivesse alguma objeção a fazer contra ela. Vejo aí uma complicação que me impede de considerar tudo e responder tranquilamente. Temo que haja nessas obscuras dobras alguma coisa que escapa à visão de minha mente.

Agostinho: __ Esta hesitação me agrada. Ela prova que você não é imprudente e é importante não sê-lo para conservar a paz. É difícil para nós não nos perturbarmos, quando, no calor do debate, ficamos abalados e nos arrancam, de alguma maneira, das mãos das convicções que guardamos com alegria.

Da mesma forma como é justo ceder, quando se considerou bem e se compreendeu bem as razões; assim também é perigoso tomar o desconhecido pelo conhecido.

Se vemos cair o que víamos como verdades firmes e inabaláveis, não é de se temer que o contragolpe nos jogue no ódio ou no medo do argumento e que nos recusemos a acreditar nas verdades melhor demonstradas?

Capítulo XXXII

Infinitos significados sem signos.

Agostinho: __ Retornemos e examinemos em poucas palavras se sua dúvida é fundamentada.

Suponhamos um homem que não saiba como os pássaros são capturados pelas armadilhas feitas com bambu e visgo. Ele se encontra com um passarinheiro que, carregado com sua parafernália, não caça ainda, mas caminha. Diante de sua visão, ele apressa o passo e depois, intrigado, ele se pergunta o porquê de toda essa parafernália.

Impressionado com a atenção sobre ele, o passarinheiro, para exibir sua destreza, prepara suas armadilhas e, percebendo um pássaro ao seu alcance, o atinge com o disparo de uma flecha e o falcão o recolhe.

Isto não seria, sem empregar nenhum signo, mostrar ao espectador, pela própria realidade, o que este desejava saber?

Adeodato: __ Mas, não vemos aqui o que eu observei sobre aquele sujeito que pergunta sobre o que se entende por caminhar? Eu temo que não se tenha mostrado completamente, em minha opinião, no que consiste essa caça aos pássaros.

Agostinho: __ É fácil te livrar dessa preocupação. Eu suponho também que esse espectador seria suficientemente inteligente para fazer uma ideia de toda essa arte, pelo que ele viu dela. Basta-nos, de fato, que, em um número limitado de temas, possamos, sem nenhum signo, informar algumas pessoas somente.

Adeodato: __ Mas eu também posso acrescentar, sobre aquele outro que mencionei, que, se ele for bem inteligente, alguns passos bastarão para fazê-lo compreender o que é caminhar.

Agostinho: __ Eu te permito isto e longe de mim me opor a que você o faça.

Você vê, de fato, que ambos chegamos a esta conclusão: há coisas sobre a quais se pode informar sem empregar signos e erramos ao acreditar, como fazíamos não faz muito tempo, que nada se pode mostrar sem este recurso.

Vejo agora, não uma ou duas, mas milhares de coisas que se revelam por elas mesmas, sem signos. Como duvidar disso, eu te pergunto?

Sem falar das pessoas, de seus teatros e dos espetáculos sem palavras, onde são mostradas a realidade sem o recurso de nenhum signo, acaso Deus e a natureza não colocam sob nossos olhos o sol e a luz que

ilumina e faz brilhar tudo no mundo e a lua, os astros, as terras, os mares e os inumeráveis seres que eles produzem?

Capitulo XXXIII

A inutilidade do signo.

Mas, considerando com uma atenção nova, talvez você não encontre o objeto que é conhecido através dos signos. É em vão que me mostram um signo. Se eu ignoro ao que o signo remete, ele não pode me informar nada e, se eu o sei, o que ele me informa?

Quando eu leio: *Suas sarabalas não foram alteradas*[15], a palavra *sarabalas* não me mostra o objeto que ela significa. Se este termo designa alguns ornamentos de cabeça, o que eu fiquei sabendo, quando ele foi pronunciado: da cabeça ou do adorno? Eu já conhecia este termo antes e este conhecimento me veio à mente, não quando ele foi pronunciado, mas quando eu mesmo o vi.

A primeira vez que meus ouvidos foram atingidos pelo som do trissílabo *cabeça*, eu era estranho ao seu significado, tanto quanto ao ouvir ou ler pela primeira vez o termo *sarabalas*. Mas, de tanto ouvir a palavra *cabeça*, eu percebi que era o nome do que já conhecia perfeita-

[15] Daniel 3: 94. *Et sarabala eorum non fuissent immutata*.

mente pela visão. Esta palavra era para mim apenas um som, antes desta associação. Eu soube que ela era um signo, quando eu aprendi o que ela significava e que eu já tinha visto por mim mesmo, como já mencionei.

Desta forma, o signo é aprendido após a coisa que ele, propriamente, não informa.

Capítulo XXXIV

O signo não mostra a coisa, mas é a coisa que mostra o signo.

Para compreender mais claramente isto, vamos supor que ouvimos pela primeira vez a palavra *cabeça*. Ignoramos se esta palavra é apenas um som ou se é também um signo. Procuramos então conhecer, não o que ela nos recorda, a própria cabeça, mas o signo ouvido, pois ignoramos este signo tanto quanto não conhecemos ao que ele nos reporta.

Pois bem! Se, para responder aos nossos desejos, nos indicam com o dedo a própria cabeça, aprendemos, ao vê-la, o valor do signo que tínhamos ouvido sem compreender.

Neste signo há duas coisas: o som e seu significado. A percepção do som não nos vem do signo, mas do próprio som que atinge nossos ouvidos. Quanto ao significado, nós o conhecemos ao ver seu objeto.

De fato, essa indicação de dedo não pode designar outro objeto além daquele ao qual ele aponta. Ora, ele aponta para a própria cabeça e não para o signo ao qual ele remete.

Como então essa indicação poderia me fazer conhecer a cabeça, já que eu já a conhecia, ou seu signo, já que não é para ele que aponta o dedo?

Eu também me preocupo muito pouco com esta indicação, pois ela me parece mostrar mais a indicação do que propriamente a coisa indicada. Isto é o que acontece com o advérbio *eis*. Se, ao pronunciá-lo, habitualmente apontamos com o dedo, é por medo de que somente um signo único não seja suficiente.

O que eu me esforço tanto para convencê-lo, se é que isto é possível, é que não aprendemos nada através dos signos chamados palavras, pois, como já disse, não é o signo que nos dá o conhecimento da coisa, mas é o conhecimento da coisa que nos faz conhecer o valor da palavra, ou seja, o sentido escondido no som.

Capítulo XXXV

Palavra e ensino.

Posso aplicar aos ornamentos e a uma infinidade de outros objetos o que disse sobre a cabeça. Eu conhecia esses ornamentos, mas os ignorava até que eles foram chamados de *sarabalas*.

Se eles me fossem apontados com um gesto, se eles fossem pintados, se me fosse dito com o que eles se parecem, eu não diria que não os conhecia e provaria facilmente dizendo algumas palavras. Eu só diria que não os conheci através da palavra.

Mas se, no momento em que os vi, me dissessem: “São sarabalas!”, eu aprenderia o que eu não sabia antes. Eu aprenderia não através das palavras que me foram ditas, mas pela visão do objeto. É esta visão, de fato que me fez compreender o significado da palavra *sarabalas*.

Eu não aprendi o significado desta palavra através do testemunho de outros, mas com o testemunho de meus próprios olhos. O testemunho alheio pôde apenas despertar minha atenção, ou seja, me levar a avaliar com o olhar o que estava diante de mim.

Capítulo XXXVI

A função das palavras no ensino.

É isto o que podem as palavras nos dizer, quando elas nos estimulam sem nos fazer conhecer nada e isto já é fazer muito.

Para aprender, eu preciso colocar diante de meus olhos ou diante de qualquer outro sentido físico ou mesmo diante da mente o que quero conhecer.

Assim, as palavras só nos ensinam palavras, ou melhor, o som e o ruído que elas produzem. Se a palavra é apenas um signo, é em vão que a ouço, já que ignoro que ela é uma palavra antes de saber o que ela significa.

O conhecimento das coisas completa então o conhecimento das palavras e, ao ouvir essas palavras, não aprendemos nem mesmo as palavras, pois não aprendemos aquelas que já sabemos e podemos achar que conhecemos aquelas que ignoramos, antes de ter apreendido seus sentidos?

O que mostra o sentido não é o ruído que atinge os ouvidos, é o conhecimento do objeto que a palavra designa.

Nada é mais verdadeiro do que o seguinte dilema: quando palavras são pronunciadas diante de nós, sabemos o que elas significam ou não sabemos. Se sabemos, elas nos lembram algo, invés de nos ensinar algo. Se não sabemos, é evidente que elas não nos despertam nenhuma lembrança e talvez simplesmente nos estimulem a aprender.

Capítulo XXXVII

Os limites das palavras no ensino.

Você concordará, sem dúvida, que, conhecendo essas sarabalas apenas de nome, nos é impossível conhecê-las realmente sem tê-las visto e que até mesmo a palavra não poderá ser completamente conhecida antes dos objetos.

Mas, você dirá que soubemos através de palavras o que sabemos sobre aqueles três homens: como sua fé e sua piedade triunfaram sobre o príncipe e as chamas; como eles cantaram louvores a Deus e mereceram ser cobertos de honras por seu próprio inimigo. E eu responderei que já sabíamos o que significavam todas estas palavras. Já sabíamos o que se ouviu: três homens, uma fornalha, chamas, um rei, o que é ser protegido do fogo e tudo o mais que expressam estas palavras. Quanto a Ananias, Azarias e Misael, eles me eram tão desconhecidos quanto as sarabalas e seus nomes não me ajudaram e nem poderiam me ajudar a

conhecê-los. Tudo o que se relaciona a esta história aconteceu naquela época; mas eu creio, mais do que sei.

Os santos autores, nos quais temos fé, não ignoravam esta última diferença, pois um profeta disse: *Se não acreditar, tampouco compreenderá*[16]. Ele não teria dito isto se não avaliasse que há uma distinção entre saber e acreditar.

Eu creio no que compreendo, mas não compreendo tudo o que creio. O que eu compreendo, eu sei; no entanto, não sei tudo o que acredito.

Eu não ignoro, no entanto, o quanto me é útil acreditar em muitas coisas que eu não sei. Dentre muitas histórias, esta história dos três homens. Se então, me é impossível saber a maior parte das coisas, sei pelo menos o quanto me é vantajoso acreditar nelas.

Capítulo XXXVIII

Internamente fala o Mestre divino.

Mas, como chegamos a compreender? Não é consultando o interlocutor que faz ruído do lado de fora; é consultando internamente a ver-

[16] Isaías 7: 9 (Septuaginta).

dade que governa o espírito e que, porventura, as palavras ouvidas nos levam a consultar.

Ora, essa verdade que se consulta e ensina é o próprio Cristo, ou seja, a imutável virtude de Deus e sua eterna sabedoria, da qual se diz que habita o ser humano interior[17].

É verdade que toda alma racional consulta essa divina sabedoria, mas ela não se revela a todos na proporção de sua vontade, seja ela boa ou má e quando nos enganamos, não é culpa da verdade consultada.

Não é à luz exterior que devemos atribuir as frequentes ilusões da visão corporal? E não consultamos essa luz sobre as coisas visíveis? Não lhe pedimos que ela nos mostre o tanto que nossa visão é capaz?

Capítulo XXXIX

Sentidos, palavras, ensino.

Assim, para avaliar cores, nós consultamos a luz. Para avaliar coisas sensíveis, nós consultamos o que está no mundo: os corpos e nossos próprios sentidos. Eles são como que os intérpretes que são utilizados por nossa mente para chegar ao conhecimento do mundo material. E,

[17] Cf. Efésios 3: 16 e 17. *Que sejais poderosamente robustecidos pelo seu Espírito em vista do crescimento do vosso homem interior. Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados na caridade.*

para o que é da alçada da inteligência, interrogamos, através do intelecto, a verdade interior.

Como então provar que as palavras nos informam outra coisa além do que o som com que elas nos atingem os ouvidos?

Nós não conhecemos nada que não seja através dos sentidos ou da mente. Chamam-se sensíveis as coisas que percebemos pelos sentidos e inteligíveis aquelas que percebemos através da mente. Ou então, para falar como nossos autores cristãos, umas se chamam coisas carnais e, as outras, coisas espirituais.

Questionados sobre as primeiras, respondemos, se elas estão presentes, de acordo com nossas impressões sensíveis. Assim, quando estamos olhando a lua nova, nos perguntam o que ela é ou então, onde ela está. Não a estamos vendo? Acredita-se e, frequentemente, não se acredita no que respondemos. Mas, só se conhece mesmo o que ela é vendo-a e não são então nossas palavras exteriores, mas as próprias coisas e os sentidos que informam, já que as palavras não produzem um som que seja visto ou que não seja visto.

Se nos perguntam, não sobre o que atinge atualmente nossos sentidos, mas sobre o que os atingiu, nós não mostramos então os próprios objetos, mas as imagens impressas por eles e confiadas à memória.

Como dizer que elas são verdadeiras, já que elas não são a realidade? Eu ignoro completamente. O único meio de não mentir é responder, não que vê, que se percebe os objetos, mas os viu e os percebeu.

Essas imagens estão, portanto, nas profundezas de nossa memória, como monumentos do que atingiu nossos sentidos e, quando contemplamos esses monumentos com uma consciência reta, nossa linguagem não é enganadora.

Ora, é para nós que subsistem esses monumentos. Se, de fato, aquele que me escuta sentiu e viu o que eu digo, minhas palavras não lhe ensinam nada; ele reconheceu tudo nas imagens que ele traz igualmente com ele. Se, pelo contrário, ele não viu, não é claro que ele mais acredita em mim do que me compreende?

Capítulo XL

Pensamentos, palavras, ensino.

Quando se trata do que vê a mente, ou seja, a compreensão e a razão, nós expressamos, é verdade, o que vemos em nós, à luz interior da verdade que espalha seus raios e sua suave serenidade em nosso ser interior.

Mas aí também, se aquele que nos escuta vê claramente em sua mente o que nós mesmos vemos, não são nossas palavras que o informam, é o puro olhar de sua contemplação. Eu não o informo quando enuncio a verdade que ele vê. Minhas palavras não o informam sobre nada. Deus lhe mostra as coisas, ele as vê e ele mesmo poderia responder se o interrogassem.

Como então, sem entrar no campo do absurdo, imaginar que minhas palavras o ensinam, quando, antes de ouvir o que eu disse, ele próprio poderia explicar a quem o questionasse?

Se, como acontece frequentemente, ele nega inicialmente o que outras questões o fazem concordar em seguida, deve-se atribuir isso à fraqueza de sua visão. Ele não pode distinguir a verdade inteira aos raios de sua luz interior e, para fazê-lo enxergar progressivamente, questões sucessivas lhe colocam sob os olhos cada uma das partes que formam o objeto que inicialmente ele não podia ver inteiramente.

Que não se espante que ele seja conduzido pelas palavras do seu interlocutor. Essas palavras não o ensinam; elas lhe propõem questões proporcionais à sua atitude de receber o ensinamento interior.

Tomemos um exemplo. Suponha que eu o interrogue sobre o próprio tema que estamos tratando. Eu te pergunto se as palavras não po-

dem ensinar nada. Isto te parece inicialmente um absurdo, por que você ainda é incapaz de apreender esta questão em todo seu conjunto. Eu devo então adequar minhas questões às suas capacidades e avaliar até que ponto você pode escutar o Mestre interior te dizer: “A verdade que você reconhece em minhas palavras, da qual está seguro, que certifica saber, como você a aprendeu?”

Talvez você diga que foi eu que o ensinei. Então, eu acrescentarei: se eu dissesse que vi alguém voar pelos ares, meu testemunho teria tanto valor para você quanto se eu dissesse que pessoas sábias são preferíveis às pessoas insensatas?

Certamente que você negaria e me responderia que não acredita em minha primeira afirmação ou que você acredita nela sem compreendê-la, enquanto que você compreende perfeitamente a segunda. Você reconheceria assim que minhas palavras não te ensinaram nada, seja ao assegurar o que você não compreende, seja ao lembrá-lo do que você já sabia. Pois, questionado, você poderia jurar que ignora a primeira afirmação e que você conhece a segunda.

É então que você responderia afirmativamente à minha questão geral, após tê-la negado como absurda, pois você reconheceria a clareza e a certeza dessas proposições parciais que a formam.

Quaisquer que sejam essas afirmações, o interlocutor ignora se elas são verdadeiras ou sabe que são falsas ou está certo que são verdadeiras. No primeiro destes três casos, ou ele acredita, ou ele opina, ou duvida. Ele resiste e nega no segundo; ele atesta no terceiro. E nunca aprende, então.

Aprende-se alguma coisa comigo, quando se ignora o que eu digo, quando se reconhece a falsidade do que digo e quando, ao ser perguntado, pode dizer o mesmo que eu digo?

Capítulo XLI

Não se aprende com as palavras.

É por isso que, quando se trata das coisas que são do domínio do espírito, seria inútil, a quem não pode vê-las, ouvir falar delas, se não fosse vantajoso acreditar, na medida em que não se compreende.

Mas, aquele que pode vê-las é, interiormente, o discípulo da verdade e, exteriormente, o juiz de quem fala, ou melhor, de sua linguagem. Frequentemente, de fato, ele sabe mais do que ouve do que aquele que fala.

Se um epicurista, que julga a alma mortal, vem expor o que dizem os sábios a favor da imortalidade da alma, em presença de uma pessoa

capaz de considerar as coisas espiritualmente, este último julga verdadeiras as razões que ouve, enquanto que o primeiro ignora se elas são fundamentadas ou então as acredita falsas. Não podemos considerar que ele ensina o que não sabe? No entanto, ele emprega as mesmas palavras como se soubesse.

Capítulo XLII

A dificuldade da linguagem.

Desta forma, não podemos ter certeza de que a linguagem manifesta as disposições daquele que fala, já que não se sabe se ele está convencido do que diz.

Pense também nos mentirosos e nos enganadores. Você reconhecerá facilmente que, longe de sempre revelar os sentimentos do coração, a palavra serve também para escondê-los.

Eu não duvido de que, o que tentam, o que professam, de alguma forma, as pessoas verdadeiras, é mostrar sua alma e acreditaríamos nelas, na opinião de todos, se a palavra fosse proibida aos mentirosos.

Frequentemente, no entanto, observamos, em nós mesmos e nos outros, que as palavras não expressam o que se pensa e isto pode acontecer, em minha opinião, de duas maneiras. Uma hora recita-se de me-

mória e, geralmente, após se ter pouco aprofundado no tema e pensando em outra coisa, como nos acontece frequentemente quando cantamos hinos. Outra hora, a língua indócil pronuncia, à nossa revelia, palavras por outras palavras e não ouvimos a expressão do que temos no pensamento.

Os mentirosos, sem dúvida, também pensam no que eles dizem e, mesmo ignorando se o que dizem é verdade, nós sabemos, no entanto, que sua mente está ocupada com isto; a menos que eles experimentem os dois acidentes que acabo de mencionar.

Se for afirmado que estes fenômenos de tempos em tempos acontecem e quando acontecem, algumas vezes são percebidos, enquanto outras muitas vezes permanecem ocultos, eu não faço nenhuma objeção.

Capítulo XLIII

A subjetividade da linguagem.

Aqui se apresenta outra fonte de erros. Espalhado por quasetoda parte, ele produz dissensões e lutas sem fim. É quando aquele que fala expressa verdadeiramente seu pensamento, mas só é compreendido por ele e por alguns outros, enquanto que sua linguagem é entendida diferentemente por aquele a quem ele se dirige e vários outros.

Alguém nos diz que animais ultrapassam os humanos em virtudes. Esta afirmação nos revolta e rejeitamos com fervor esta opinião, tão perniciosa quanto falsa. Mas, por virtude se quer dizer a força dos órgãos e sob este termo se designa este pensamento.

No fundo, não se mente, não se engana, não se procura esconder a ideia, confiando estas palavras à memória. Não foi um desprezo pela língua que fez com que se entendesse o que não se quis; apenas se utilizou um termo diferente para um pensamento verdadeiro e estaríamos prontamente de acordo, se nos fosse dado ver este pensamento com palavras e explicações que ainda não foram mostradas,

A definição, dizem, é o remédio para este erro e se, na questão presente, definíssemos o que entendemos por virtude, ficaria manifesto que não há controvérsia no fundamento, mas na palavra.

Embora admitindo isto, quantas pessoas capazes de definir bem nós encontramos? Frequentemente não discutimos sobre definições em geral?

Este não é o lugar para falarmos disto e eu não compartilho de forma alguma desta opinião.

Capítulo XLIV

A desatenção de quem escuta.

Deixo de dizer que frequentemente ouvimos mal e acontece de contestarmos longamente como se tivéssemos ouvido perfeitamente.

Aconteceu isto recentemente, quando eu falei *compaixão* na língua púnica e você afirmou ter sabido dos mais entendidos nesta língua, que a expressão empregada por mim significava *piedade*. Eu resisti e sustentei que você tinha se esquecido inteiramente do que tinha aprendido. Eu pensei que você tinha dito *fé* e não *piedade*, pois você estava bem próximo de mim e estas duas palavras apresentam consoantes bem diferentes para enganar os ouvidos.

Ignorando o que você havia dito realmente, acreditei por muito tempo que você ignorava também o que tinha ouvido. Se eu tivesse te escutado bem, não teria me parecido absurdo que o mesmo termo expressasse em língua púnica a piedade e a compaixão.

Essas negligências acontecem frequentemente, mas, não falemos delas. Poder-se-ia acreditar que eu censuro na língua a negligência ou a surdez daqueles que escutam. É mais doloroso não poder, como eu disse antes, conhecer o pensamento daquele que nos fala, mesmo quando ou-

vimos claramente suas palavras e elas são ditas na mesma língua que a nossa.

Capítulo XLV

O discípulo não aprende escutando o mestre.

Admito que, após ter ouvido bem e compreendido bem, podemos saber que a linguagem está conforme ao pensamento. Não falo deste caso, mas não se segue dele, como examinamos aqui, que se aprende quando a linguagem é verdadeira?

Os mestres pretendem comunicar suas próprias opiniões? Eles não querem que se dedique mais a compreender e a reter as ciências que eles acreditam mostrar? Quem seria tão tolamente curioso para enviar seu filho à escola para que ele saiba o que pensa o mestre?

Quando este explicou em suas lições as matérias das quais ele fez profissão ensinar, incluindo as próprias regras da virtude e da sabedoria, então seus discípulos examinam neles mesmos se o que foi dito é verdadeiro, consultando, como podem, a verdade interior. Só então eles aprendem.

Se reconhecem que o ensino é verdadeiro, eles o louvam, mas ignoram se os mestres a quem dirigem seus louvores são mais ensinados

do que ensinadores. O que importa é que eles próprios compreendam o que foi dito.

Se nos enganamos ao chamar de mestres aqueles que não o são é por que, na maior parte do tempo, não há nenhum intervalo entre a palavra e o pensamento e, por que a verdade interior ensina logo após o despertar feito pelo discurso, acreditamos termos sido ensinados pela linguagem que ressoou nos ouvidos.

Capítulo XLVI

O discípulo aprende reportando-se ao seu interior.

Se considerarmos com atenção as vantagens das palavras, veremos que elas são importantes. Outra hora, se Deus permitir, examinaremos todas elas.

Cuidando aqui para não exagerar, eu quis chegar com você não somente a acreditar, mas a começar a compreender o quanto é verdadeiro o divino testemunho que nos defende de chamar nesta terra qualquer um de nosso mestre, pois nós todos só temos um Mestre, que está no céu[18].

[18] Cf. Mateus 23: 8 e 10. *Não vos façais chamar rabi, por que um só é o vosso preceptor e vós sois todos irmãos. Nem vos façais chamar de mestres, por que só tendes um Mestre, o Cristo*.

Qual é a glória desse Mestre no céu? Ele mesmo nos ensinará. Ele quer que as pessoas nos estimulem exteriormente, através de signos, para que, recolhidos interiormente nele mesmo, sejamos instruídos por ele. Amá-lo e conhecê-lo é a vida bem-aventurada. Todos proclamam que a buscam, mas poucos são os que desfrutam da alegria de tê-la encontrado.

Mas, diga-me sua opinião sobre este discurso. Você reconhece a verdade em tudo o que eu disse? Se você tivesse se questionado sobre cada pensamento, sua resposta teria mostrado que você já sabia e assim você teria visto Quem o tinha ensinado. Não foi eu, pois você teria me dito tudo, se eu o tivesse perguntado. Se, pelo contrário, você não sabe a verdade, nem Ele e nem eu te ensinamos. Eu, por que não sou capaz de ensinar. Ele, por que você não é ainda capaz de receber suas lições.

Adeodato: __ Eis o que eu guardei do estímulo dado por suas palavras: as palavras só podem estimular as pessoas a se instruírem e o que é mostrado a nós através do pensamento, seja ele qual for, daquele que fala, é muito pouca coisa.

Aprendi também que só nos ensina quem diz a verdade; sobre a qual somos alertados, enquanto ouvimos, por Aquele que habita em

nosso interior. Daqui por diante o amarei com mais fervor quanto melhor eu compreender suas lições.

O que faz com que eu o agradeça por este discurso é que você previu e resolveu as dificuldades que eu me preparava para levantar. Não me resta nenhuma dúvida e o oráculo interior me deu, para todas aquelas que eu tinha, as mesmas respostas que as suas.

Créditos

De magistro.

© 389: Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2018: Teodoro Editor - Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Tradução: Souza Campos, E. L. de, de *De maître*. Tradução do latim de M. Abbé Raulx, in *Œuvres complètes de Saint Augustin*, Bar-le-Duc, 1869.

Cotejado com *El maestro*, Traducción: Manuel Martínez, OSA.

E

Il maestro.

Revisão, diagramação, notas adicionais e edição: Souza Campos, E. L. de

Conteúdo

O mestre ----------2
Introdução ----------2
Capítulo I ----------2
Linguagem e signos. ----------2
Capítulo II ----------4
Linguagem e prece. ----------4
Capítulo III ----------7
Palavras e signos.----------7
Capítulo IV ---------- 10
Signos e conceitos. ---------- 10
Capítulo V ---------- 11
Signos e coisas. ---------- 11
Capítulo VI ---------- 13
Signos e ações.---------- 13
Capítulo VII ---------- 16
Três categorias de signos. ---------- 16
Capítulo VIII ---------- 18
Signos de signos. ---------- 18
Capítulo IX ---------- 21
A palavra é um signo universalíssimo---------- 21
Capítulo X ---------- 24
Signos que significam as mesmas coisas.---------- 24
Capítulo XI ---------- 26
Signos recíprocos. ---------- 26
Capítulo XII ---------- 27
Significado recíproco de nome e palavra. ---------- 27
Capítulo XIII ---------- 29
Toda palavra é um nome enquanto significado. ---------- 29
Capítulo XIV ---------- 31
A autoridade de Paulo.---------- 31
Capítulo XV ---------- 34

Paralelo com a língua grega.---------- 34
Capítulo XVI---------- 35
A autoridade de Cícero e de mestres da lógica.---------- 35
Capítulo XVII---------- 39
Reciprocidade entre nome e vocábulo.---------- 39
Capítulo XVIII---------- 40
Signos idênticos, a não ser pelo som.---------- 40
Capítulo XIX---------- 42
Adeodato reassume sua linguagem e signos.---------- 42
Capítulo XX---------- 44
Os signos recíprocos. ---------- 44
Capítulo XXI---------- 46
A utilidade destas preliminares.---------- 46
Capítulo XXII---------- 48
A relevância dos significados.---------- 48
Capítulo XXIII---------- 51
Os significados dos signos. ---------- 51
Capítulo XXIV---------- 53
Ao que se referem os signos. ---------- 53
Capítulo XXV---------- 55
O significado vale mais do que o signo. ---------- 55
Capítulo XXVI---------- 57
O signo, o meio e o fim.---------- 57
Capítulo XXVII---------- 59
O significado e o signo. ---------- 59
Capítulo XXVIII---------- 60
A importância do conhecimento da coisa.---------- 60
Capítulo XXIX---------- 62
Não se transmite uma informação sem signos.---------- 62
Capítulo XXX---------- 64
Não se ensina sem signos.---------- 64
Capítulo XXXI---------- 66
Dúvida e incerteza.---------- 66
Capítulo XXXII---------- 68
Infinitos significados sem signos.---------- 68

Capitulo XXXIII---------- 70
A inutilidade do signo.---------- 70
Capítulo XXXIV ---------- 71
O signo não mostra a coisa, mas é a coisa que mostra o signo. ------ 71
Capítulo XXXV ---------- 73
Palavra e ensino.---------- 73
Capítulo XXXVI ---------- 74
A função das palavras no ensino. ---------- 74
Capítulo XXXVII ---------- 75
Os limites das palavras no ensino. ---------- 75
Capítulo XXXVIII ---------- 76
Internamente fala o Mestre divino. ---------- 76
Capítulo XXXIX ---------- 77
Sentidos, palavras, ensino. ---------- 77
Capítulo XL ---------- 79
Pensamentos, palavras, ensino.---------- 79
Capítulo XLI ---------- 82
Não se aprende com as palavras.---------- 82
Capítulo XLII ---------- 83
A dificuldade da linguagem.---------- 83
Capítulo XLIII ---------- 84
A subjetividade da linguagem. ---------- 84
Capítulo XLIV ---------- 86
A desatenção de quem escuta.---------- 86
Capítulo XLV ---------- 87
O discípulo não aprende escutando o mestre. ---------- 87
Capítulo XLVI ---------- 88
O discípulo aprende reportando-se ao seu interior.---------- 88
Créditos ---------- 91
Conteúdo---------- 92